

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE PAPILLON

Enviado por Web Master
12-Jun-2004
Atualizado em 31-Mai-2009

Depois de 12 (doze) anos de investigação estamos provando que Henri Charrière jamais escreveu o roteiro do filme Papillon e muito, menos os. Livros Papillon e Banco, verdadeiramente ele foi o maior farsante da. Literatura mundial, farsa comprovada em quatro perícias, uma na Suíça. E três no Brasil sendo a ultima feita pelos peritos Federais, verdade que Eles fizeram questão de colocar em seu site com esse titulo:

PERITO DA POLICIA FEDERAL ENCONTRA EM RORAIMA O VERDADEIRO PAPILLON

A verdadeira história de Papillon - Laudo da Polícia Federal confirma que o famoso prisioneiro francês que fugiu da Ilha do Diabo viveu seus últimos anos no Brasil e teve sua obra roubada pelo escritor Henri Charrière Hollanda - Boa Vista (RR) (Foto: Eduardo Hollanda/ Tophan Picturepoint/ Keystone) A grande fraude: o verdadeiro Papillon não era Henri Charrière (foto de cima, à dir.), mas René Belbenoît, que viveu e está enterrado na Surumú, Roraima

A busca de um fotógrafo pela verdadeira história Ele se tornou famoso mundialmente em 1969, ao publicar o livro Papillon, no qual contava a sua fuga espetacular, ocorrida em 1935, da Ilha do Diabo, o sinistro complexo de presídios que a França mantinha na Guiana Francesa. O sucesso foi ainda maior quando a história do prisioneiro Henri Charrière, o Papillon, chegou às telas dos cinemas em 1971 em uma superprodução de Hollywood, com Steve McQueen no papel principal. Mas Charrière, um homem de poucos estudos, era uma gigantesca farsa. O verdadeiro autor de Papillon foi outro fugitivo, René Belbenoît, um intelectual que falava quatro línguas e liderou um grupo de presos (entre eles Charrière), façanha relatada em seu livro A Ilha do Diabo (Dry guillotine no original, Prêmio Pulitzer de 1938). O sucesso do livro na época fez com que a França terminasse por desativar o presídio por onde passaram (e morreram, em boa parte) milhares de prisioneiros. Depois de fugir para a então Guiana Inglesa, René Belbenoît, o verdadeiro Papillon, radicou-se com seus parceiros em Roraima desde 1940, morrendo em 1978, aos 73 anos, e sendo sepultado na Vila Surumú, no norte do Estado, hoje parte da Terra Indígena São Marcos. Esse aparente fim obscuro de Belbenoît concluiu uma trajetória de vida cheia de intrigas, 13 anos de desterro (1922-1935) na Ilha do Diabo por assalto, livros de sucesso, identidades falsas, um assalto milionário e muitos negócios com garimpos de ouro, diamantes e metais preciosos. Além, é claro, da história de como os manuscritos dos livros Papillon e Banco, escritos por René Belbenoît na Vila Surumú, acabaram nas mãos de Charrière. Os dois primeiros livros de Belbenoît, Hell on trial e Dry guillotine, foram publicados nos EUA graças à amizade que ele construiu durante anos de correspondência, ainda na prisão, com a escritora americana Blair Niles. Os dois acertaram ainda que um dos fugitivos, de nome desconhecido, deveria seguir para os EUA e assumir a identidade de René Belbenoît, como medida de segurança para o grupo que ficou na América do Sul. (Foto: Courtesy Everett Collection/Keystone) No cinema: Steve McQueen interpretou Papillon no filme de 1971 Esse falso René, que morreu em 1959 na Califórnia e teve o corpo cremado, acabou sendo vital para que a verdadeira identidade de Papillon fosse comprovada este ano no Brasil. Foi comparando fotos dos dois com a identidade de Belbenoît, tirada em 1973, que os peritos da Polícia Federal Paulo Quintiliano e Marcelo Ruback, depois de seis meses de trabalho em computador, chegaram à conclusão de que o verdadeiro René, o Papillon (apelido que ganhou na prisão ainda na década de 1920), é o que morreu e está enterrado no Brasil. "Usamos um programa de computador que desenvolvi em minha tese de doutorado e que permite a identificação precisa de pessoas através de imagens faciais", diz o perito Paulo Quintiliano. "Isso mostra que eu tinha razão ao garantir que Papillon tinha vivido décadas e morrido em Roraima", comemora o fotógrafo e escritor Platão Arantes, autor de dois livros sobre o caso. (Foto: Platão Arantes) Alfredo Ferreira Nunes, o professor Parazinho: "Conheci o René em 1943 e fui seu sócio durante mais de dez anos em garimpos do rio Maú e em outros lugares da região" Medo dos alemães - René e seus parceiros, que estavam sendo bem-sucedidos no garimpo de diamantes e de ouro na Guiana Inglesa, decidiram vir para o Brasil em 1940, depois que as tropas de Hitler invadiram a França, deixando o Reino Unido na mira dos nazistas. Preocupado com o domínio alemão, ele convenceu os outros a fugir para o Brasil. O grupo subiu de barco o rio Demerara e depois fez uma caminhada de 23 dias pela mata e pela savana, até chegar às margens do rio Maú. "Eu estava na frente de nossa casa, uma fazenda à beira do rio, quando ouvimos os chamados de um grupo de homens no outro lado. A fazenda de papai era o ponto de passagem no rio Maú e meu pai me mandou pegar a canoa e trazer o pessoal", conta Rui Meneses, o seu Bebê, 77 anos. Na época, ele tinha 12 anos e ficou admirado com o chefe do grupo, que falava perfeitamente o português, apesar do forte sotaque. Além de René, integravam o grupo Maurice Habert, Joseph Guillermin Marcel, Charrière e Roger. (Foto: Eduardo Hollanda) " Eu estava na frente da nossa casa, na beira do rio, quando ouvimos os chamados de homens do outro lado" Rui Meneses, "seu Bebê", testemunha da chegada do grupo de René a Roraima Em uma região que era um enorme e desértico município do Amazonas, os fugitivos sentiram-se seguros. Maurice casou-se com uma nativa, teve três filhos e implantou o cultivo do tomate na região. Sua influência foi tão grande que conseguiu que a Vila do Maú se tornasse a Vila Normandia, em homenagem à sua região natal na França. Belbenoît, que tinha recebido um bom dinheiro, fruto do sucesso de seus livros nos EUA, investiu no garimpo de diamantes e ouro, além de colaborar com os americanos, interessados na pesquisa mineral da região. Mas não ficou apenas nos negócios. Fiel ao seu passado bandido, em 1942 René comandou o bem-sucedido assalto à filial da empresa JG Araújo, em Boavista. A empresa era um entreposto que fornecia víveres e todo tipo de equipamento para a região que é hoje o Estado de Roraima, e ainda negociava com ouro, diamantes e servia como um banco informal. Platão Arantes ouviu testemunhas que suspeitam de conluio entre os donos da empresa, os devedores e até as autoridades da época. O assalto serviu

de tema, anos depois, para o livro Banco, de Belbenoît, que também lhe foi roubado por Charrière. Ascensão e queda - Quando Roraima virou território em 1943, as investigações, que eram comandadas de Manaus, foram encerradas. "Conheci o René em 1943 e fui seu sócio durante mais de dez anos em garimpos no rio Maú e em outros lugares da região. Só em 1961 tive certeza de que ele tinha sido o chefe do assalto", conta Alfredo Ferreira Nunes, o professor Parazinho, 84 anos. Ele garante que o amigo era muito inteligente e ganhou muito dinheiro. "Quando não estava escrevendo, o René estava fazendo bons negócios. Ganhou muito dinheiro, mas, no fim da vida, perdeu tudo de maneira muito estranha. Mas quem se aproveitou dele ficou sem nada. Até as terras passaram para os índios", comenta Parazinho. Ele não tem dúvida de que Charrière traiu seu amigo. "Ele fez sacanagem, colocando seu nome nos escritos do René. Todas as histórias do livro e do filme são do René. Ele me contava", garante. (Foto: Eduardo Hollanda) Golpe de mestre: antiga sede da empresa JG Araújo, em Boa Vista, que em 1943 foi assaltada por um grupo liderado por René Belbenoît Maria do Socorro da Cunha Camilo, 58 anos, também se lembra bastante de René. Ela conheceu o verdadeiro Papillon quando pequena, no Surumú, onde seu pai tinha uma fazenda. René, que tinha um armazém e bar que abastecia a região, gostava de contar histórias para crianças e adultos, lembrando de suas aventuras. Maria do Socorro só percebeu a dimensão das histórias em 1981, quando o filme Papillon estava sendo exibido na tevê. "Eu não estava prestando muita atenção até que vi a cena do teste com a jangada de cocos. Virei para meu filho menor e disse: 'Essa é a história do padrinho da Ana, sua irmã.' Ele perguntou como eu sabia e respondi que durante anos, desde garota, ouvi o velho René contar como ele e uns companheiros fugiram da Ilha do Diabo", recorda. (Foto: Eduardo Hollanda/Arquivo) Paulo Quintiliano, perito da Polícia Federal: "Usamos um programa que desenvolvi no meu doutorado e que permite a identificação de pessoas através de imagens faciais" Os destinos de René Belbenoît e Henri Charrière, que haviam se separado em 1943, quando o falso Papillon foi para a Venezuela, voltaram a se cruzar em 1955. René tinha recebido um pedido de um diretor de cinema americano, amigo do casal Niles, para que transformasse o livro Dry guillotine em uma espécie de roteiro para o cinema. Mas que contasse a fuga de apenas um prisioneiro. René escreveu um calhamaço e considerou que a forma mais fácil de mandar o material para os EUA era via Venezuela. E contatou Charrière, que trabalhava no porto. O falso Papillon guardou os manuscritos, que estavam em inglês, durante anos. Quando soube da morte do falso René nos EUA, contratou um jornalista francês que morava na Venezuela e lhe devia dinheiro para fazer uma adaptação em francês, acrescentando mais um fugitivo. E, em 1969, depois de ter mandado tatuar no peito uma borboleta, lançou como seu o livro Papillon. Em 1971, Charrière mandou emissários à Vila Surumú para pegar os originais do livro Banco. René estava quase cego, com catarata e uma doença no nariz - há dúvidas se era câncer ou leishmaniose - e cedeu às pressões. As divergências entre os dois livros ajudaram a expor Charrière como um farsante. Ele gastou praticamente todo o dinheiro ganho com o livro e o filme Papillon na produção de outro filme que foi um fracasso total. E morreu pobre, destruído pela bebida, em 1973. Em Roraima, já existe um movimento para transformar a Vila Surumú em um museu vivo do verdadeiro Papillon. E trocar a cruz branca sem identificação por uma tumba à altura do novo ídolo do Estado.

O OBSTINADO PLATÃO Persistência: há 12 anos, Arantes vem pesquisando a história do verdadeiro Papillon Doze anos atrás, pouco depois de ter-se mudado do Recife para Boa Vista, capital de Roraima, o fotógrafo Platão Arantes ouviu pela primeira vez uma história sobre Papillon. A história era sobre um velho francês que tinha vivido na Vila Surumú e que muita gente dizia que era o verdadeiro Papillon. "O caso ligou alguma coisa na minha cabeça. E passei a aproveitar os fins de semana de folga para investigar", conta Platão.

As histórias e os personagens foram se acumulando. Platão escreveu um primeiro livro em que centrava fogo contra Henri Charrière e apresentava depoimentos de gente que tinha sido contemporânea do tal René de Surumú. As histórias tinham um traço em comum. O homem era inteligente, articulado e escrevia furiosamente. Além disso, gostava de contar histórias de seu passado para o povo da localidade. Novas pesquisas permitiram que Platão tivesse acesso ao material na Guiana Francesa, onde visitou as antigas instalações do presídio e conseguiu uma foto de René Belbenoît jovem. Escreveu mais um livro, mas faltava a prova científica definitiva. Ele apelou para o senador Mozarildo Cavalcanti (RO), que também sabia das histórias sobre René. Foi um ofício do senador que colocou o Instituto Nacional de Criminalística da PF na investigação. Agora, com sua tese "louca" comprovada, Platão prepara o livro definitivo sobre o Papillon de Roraima. CONTATO: plataopapillon@gmail.com